



VOZES FEMININAS NEGRA: A LUTA DE TRÊS MULHERES MUSICISTAS, NO ENFRENTAMENTO Á VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Gabriela Nascimento Universidade Federal da Bahia
gaby.canta@hotmail.com

GT 12- Etnomusicologia Negra Amplificando Vozes:
A valorização de saberes no ambiente acadêmico e institucional

Resumo

O presente artigo disserta sobre as violências exercidas contra nós, mulheres negras, no exercício de nossa arte, enquanto musicistas. O texto tem como objetivo trazer reflexões sobre a vida, a música e as violências exercidas contra três mulheres negras cantoras, conhecidas internacionalmente como grandes ícones da música. Aqui irei recontar um pouco da trajetória das cantoras Elza Soares (1930-2022), Whitney Houston (1963-2012), e a pop star negra da atualidade, Rihanna. Três potentes vozes que, mesmo envoltas ao sucesso, tiveram suas vidas marcadas por violências, lutas e desafios inerentes às mulheres de origem humilde, que carregam consigo a habilidade do canto, em histórias de vida que a mídia não mostra. Para tais reflexões, farei uso da literatura da Etnomusicologia Negra e evidenciarei a escrita de feministas negras nacionais e internacionais, não só do campo da música, mas de áreas distintas que me ajudarão a pensar sobre essa problemática “perversa” que pode existir entre a música e a violência doméstica e como a mesma pode agir como “estopim” para o início das agressões contra mulheres musicistas. A escrita é um convite a pensar sobre como o microfone, a música e a visibilidade social podem agir como aliadas no enfrentamento à violência doméstica, fenômeno social existente em várias esferas da sociedade, onde essas mulheres, mesmo vivendo em universos glamurosos, não ficaram isentas.

Palavras-chave: Mulheres negras- música – violências- trajetórias

BLACK WOMEN'S VOICES: THE STRUGGLE OF THREE WOMEN MUSICIANS IN CONFRONTING DOMESTIC VIOLENCE

Abstract:

This article discusses the violence perpetrated against us, black women, in the exercise of our art, as musicians. The text aims to bring reflections on the life, music and violence perpetrated against three black female singers, known internationally as great icons of music. Here I will recount a little of the singers' trajectories: Elza Soares (1930-2022), Whitney Houston (1963- 2012) and the current black pop star, Rihanna. Three powerful voices who, despite being surrounded by success, had their lives marked by violence, struggles and challenges inherent to women of humble origins, who carry with them the ability to sing, in life stories that the media does not show. For these reflections, I will use the literature of Black Ethnomusicology and highlight the writings of national and international black feminists, not only from the field of music, but from different areas that will help me think about this “perverse” problem that can exist between music and domestic violence and how it can act as a “fuse” for the beginning of aggressions against female musicians. The writing is an invitation to think about how the microphone, music and social visibility can act as allies in the fight against domestic violence, a social phenomenon that exists in various spheres of society and that these same, being inserted in glamorous universes, were not exempt.

Keywords: Black women- music – violence- trajectories



Maria da Vila Matilde

Compositores: Douglas Germano

Cadê meu celular?
Eu vou ligar pro 180
Vou entregar teu nome
E explicar meu endereço
Aqui você não entra mais
Eu digo que não te conheço
E jogo água fervendo
Se você se aventurar
Eu solto o cachorro
E, apontando pra você
Eu grito: péguix...
Eu quero ver
Você pular, você correr
Na frente dos vizinhos
Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim
Eu digo que não te conheço
E jogo água fervendo
Se você se aventurar
Eu solto o cachorro
E, apontando pra você
Eu grito: péguix
Eu quero ver
Você pular, você correr
Na frente dos vizinh

Introdução

Como de costume, trago para o início de minha escrita uma canção. Para dissertar sobre violência doméstica, trouxe a canção Maria da Vila Matilde, do compositor Douglas Germano, gravada em 2015 e interpretada na voz da saudosa Elza Soares. A música fala sobre uma relação abusiva entre um casal, onde o homem agride sua companheira e ela, em uma ação vingativa, promete chamar a polícia e expor as agressões para a família e para a comunidade onde vive. Infelizmente, essa cena é comum em várias camadas da sociedade, mas mais recorrente em comunidades periféricas, onde homens fazem uso da força bruta para impor e fazer valer as suas vontades. A cantora, que escolhi para começar minha escrita, entendia muito bem dessas violências contra corpos femininos de pele preta, em especial, as mulheres cantoras, às quais faço referência neste artigo. Dou visibilidade para tal temática por já ter passado pelo drama das



violências em todas as esferas enquanto mulher, negra, e cantora, e descrevo essa problemática social recorrente também em territórios musicais sempre que tenho oportunidade. A primeira vez que resolvi expor a supracitada foi em minha dissertação de mestrado (Nascimento, 2020). Desde então, venho relatando, a cada vez que escrevo, os distintos espaços onde tais violações são recorrentes e meu foco está em territórios musicais, com mulheres negras artistas no exercício de suas habilidades musicais.

A violência contra mulher vem crescendo diariamente. No Brasil, com intuito de combater os constantes abusos e maus-tratos contra a mulher, foi criada em 2006 a lei Maria da Penha¹, que diz respeito à história de vida de uma mulher que sofreu violência doméstica durante 23 anos. Essa lei define cinco formas de violência doméstica e familiar e deixa claro que não existe apenas a violência física que deixa marcas evidentes; existem também a violência psicológica, sexual, patrimonial e moral. Partindo dessas reflexões e experiências e entendendo que o abismo só aumenta quando falamos de mulheres negras, como afirmam dados recentes, realizados no ano de 2024 pelo Instituto DataSenado,² que revelou dados alarmantes sobre a violência doméstica contra mulheres negras no Brasil. A pesquisa, realizada com 13.977 brasileiras negras de 16 anos ou mais, destaca que 66% das mulheres que sofreram violência doméstica não possuem renda ou têm renda insuficiente. Além disso, 85% destas mulheres negras, sem renda suficiente para se manter e que enfrentam violência, convivem com o agressor, evidenciando a ligação entre vulnerabilidade econômica e exposição continuada ao abuso. Outro dado marcante aponta que, em 2022, 55% das mulheres brasileiras que sofreram algum tipo de violência notificada ao Sistema Único de Saúde (SUS) eram negras. Além disso, 67% das mulheres assassinadas no país eram negras, conforme o Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM). Esses números ressaltam como o racismo estrutural e a desigualdade econômica amplificam os riscos enfrentados por essas mulheres. O estudo também revelou lacunas significativas no acesso a apoio e proteção. Entre as mulheres negras que sofreram violência doméstica grave, apenas 30% buscaram assistência de saúde. Além disso, a maioria das mulheres não solicitou medidas protetivas, independentemente do nível educacional. Mesmo entre aquelas com ensino superior completo, 78% não buscaram proteção. Esses dados sugerem barreiras que vão além da

¹ Maria da Penha-Lei Maria da Penha- Lei que cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm Acesso em 17 mar.2025.

² DataSenado-Instituto DataSenado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/publicacaodatasenado?id=pesquisa-datasegado-detalha-aviolencia-domestica-contra-mulheres-negras-desigualdades-e-desafios> Acesso em 17 mar.2025.



escolaridade, relacionadas à falta de renda e ao acesso limitado a serviços públicos. A pesquisa conclui que políticas públicas efetivas precisam considerar a interseccionalidade entre gênero, raça e classe. Promover a autonomia financeira e ampliar o acesso a serviços de apoio são passos cruciais para mudar essa realidade. O DataSenado reforça a necessidade de ações coordenadas que garantam segurança, equidade e dignidade para as mulheres negras no Brasil.

Trouxe os dados supracitados para evidenciar, por meio das estatísticas, que nós, mulheres negras, estamos mais propensas a sofrer com as agressões e, ao levarmos em consideração as complexidades dos impactos sociais de raça, gênero, orientação sexual e classe social, nos deparamos com enormes diferenças. As mulheres negras ainda hoje têm menos oportunidades, e esse pode ser um dos motivos que as tornam alvos mais fáceis. A cientista social Lélia Gonzalez, ao chamar atenção para essa questão há mais de 30 anos, afirmava que:

Falar de opressão da mulher latino-americana é falar de uma generalidade que oculta, enfatiza, que tira de cena a dura realidade vivida por milhões de mulheres que pagam o preço muito caro pelo fato de não serem brancas (GONZALEZ, 1988, p. 14).

Percebendo esse problema como fator histórico e social, eu, entendendo meu lugar enquanto mulher, negra, musicista ocupando “um lugar de fala” (Ribeiro, 2017) e de visibilidade social, na posição de quem já passou pelo drama da violência doméstica por exercer profissionalmente a carreira musical, e entendendo que na ocasião eu não tinha voz

representativa, coragem e maturidade, para compreender a complexidade e a magnitude cultural que estavam implicadas dentro das agressões que sofria, aproveito a oportunidade, a maturidade e o conhecimento advindos do meio acadêmico para abordar a trajetória de três cantoras negras de projeção internacional, no campo da música que passaram por violências em todas as esferas e como as ditas encontraram caminhos distintos para vivenciar tais experiências.

Trajetórias e violências

Começo meu trabalho contando um pouco sobre a nossa eterna Elza Soares, nome artístico de Elza Gomes da Conceição. A artista foi uma cantora, compositora musical e intérprete de samba-enredo brasileira, que flertou com vários gêneros musicais como samba, jazz, samba-jazz, sambalanço, bossa nova, MPB, soul, rock e música eletrônica. Nasceu em uma família muito humilde, composta por dez irmãos, na favela da Moça Bonita e, ainda pequena, mudou-se para um cortiço no bairro da Água Santa, onde foi criada. A então menina, cultivando o sonho de cantar desde a infância, já compunha desde essa época suas primeiras canções. Aos 21 anos, havia acabado de ficar viúva, e estava com quatro filhos para criar. Nesta época, estava trabalhando como faxineira para sustentá-los e ainda precisava comprar remédios para o seu filho de dois anos, que estava com pneumonia. Temendo a morte de mais um filho, sozinha e



sem expectativa de uma vida melhor, vislumbrando seu sonho artístico cada vez mais longe e inacessível, resolveu lutar por seu filho e não desistir.

Elza, confiante em seu talento para cantar, devido aos elogios que recebia de parentes e amigos, inscreveu-se no concurso musical do programa Radiofônico Calouros em Desfile, em meados de 1953, que era apresentado pelo compositor Ary Barroso. Para a apresentação, usou um vestido da mãe, aproximadamente vinte quilos mais gorda, ajustado com vários alfinetes de fralda, fazendo um penteado de maria-chiquinha no cabelo. Quando Elza subiu ao palco, foi recebida pelo auditório e por Ary Barroso com gargalhadas. Ary tentou ridicularizar Elza perguntando—He: "De que planeta você veio, minha filha?" E Elza rebateu: "Do mesmo planeta que o senhor, seu Ary. Do planeta fome. Depois, Elza cantou "Lama," de Paulo Marques e Aylce Chaves, e ganhou a nota máxima do programa. Ary, então, anunciou que, naquele exato momento, acabava de nascer uma estrela. Então, inscreveu-se no concurso de música do programa de Ary Barroso, na Rádio Tupi, e fez sua primeira apresentação ao vivo no auditório da emissora, o maior na época. A princípio, não foi levada a sério por conta de seu jeito bem humilde de falar e se vestir. Apesar deste momento de chacota por parte do apresentador, Elza não se abalou e, ao cantar, mostrou todo seu potencial. Ganhou um pouco de dinheiro pela participação e o utilizou para comprar os remédios do filho, que ficou bem. Sua participação bem-sucedida no programa de Ary Barroso não se traduziu em oportunidades de trabalho, inicialmente. Até que um dia seu irmão Ino a desafiou a fazer um teste para a orquestra de seu professor. Com uma interpretação de "Lamento", conquistou uma vaga no conjunto. Elza passou a acompanhar o grupo em apresentações em festas, bailes, casamentos e eventos sociais em geral. Nem sempre ela se apresentava, contudo, pois alguns clubes não admitiam uma cantora negra no palco.

Aqui, faço uma pausa para refletir sobre a complexidade social de corpos femininos na execução de sua arte. Costumo dizer que nós, mulheres negras, temos muitos agravantes sociais. Cito alguns entre eles: nascer mulher negra e o que, para mim, é a cereja do bolo, é ser musicista. E “homens,” normalmente, não gostam de ver a “sua” cereja exposta aos olhos do outro. Antes de entrar para a academia, não entendia muito o porquê dessa não aceitação masculina ao fazer musical das mulheres. Entre muitas leituras que fiz, tentando entender a magnitude do problema, deparei-me com o artigo intitulado: Chanteuses e Cabarés: performance, gênero e identidade na Porto Alegre no início do século XX, written by Fabiane Behling Luckow (2013). Em uma perspectiva feminista “branca”, a autora traz como temática principal a música, performance e identidade de corpos femininos dentro dos Chanteuses e

Cabarés na Porto Alegre do século XX. Através de fotos, entrevistas e arquivos, a pesquisadora consegue dar um panorama da imagem da mulher musicista perante a sociedade naquela época. Para a autora, o fazer musical não era visto como trabalho e arte, mas sim como prostituição. Rótulo preconceituoso que respinga até hoje em nós. Os apontamentos da pesquisadora ajudaram-me na compreensão da visão dúbia que as mulheres cantoras, ainda hoje, ocupam na sociedade. E isso pode “ajudar” a explicar o porquê de muitas de nós sofrermos violências de todas as espécies ao exercermos nossas habilidades musicais. Com Elza, não foi diferente. Tempos mais tarde, a cantora conseguiu visibilidade internacional como cantora e ganhou o mundo com sua voz inconfundível.

Durante sua trajetória, Elza teve alguns relacionamentos; o mais divulgado foi com o jogador Garrincha. Após um relacionamento conturbado de dezesseis anos, entre idas e vindas, o casamento de Elza e Garrincha chegou ao fim por conta de constantes agressões físicas, ciúmes doentios, traições e humilhações, em que o alcoolismo de Garrincha tornou-se insuportável. Aqui, paro novamente para pensar sobre o relacionamento abusivo a que essa artista foi exposta durante anos, e lembro-me das reflexões sobre a invisibilidade de corpos negros a exhibir sua arte, afirma Werneck:

[...] As condições de vida das mulheres cantoras negras são marcadas pelo racismo e pelo patriarcado que ao longo de outros fatores produtores de assimetrias sociais, resultam em vidas marcadas pela violência, pela injustiça e pela privatização material. (WERNECK, 2007, p.222).

A escrita da autora é um convite a pensar sobre o papel das mulheres negras dentro de uma sociedade contemporânea ainda machista e excludente. Garrincha queria exercer seu “poder” a esse corpo que pulsava vida, em movimentos constantes, na execução de sua arte. Ela queria ser ouvida em meio a esse contexto social que insiste em nos calar. Elza era uma mulher negra que desafiou a noção de que o “lugar” das mulheres estava na esfera doméstica e, através de sua representatividade, rompeu preconceitos, derrubou muros e, mesmo passando por agressões de várias vertentes, não se deixou silenciar. Como tão bem disserta Davis sobre “[...] A postura mais frequente assumida pelas mulheres negras em suas canções é de independência e assertividade, de fato, desafiadora e às vezes entra através dessa a erupção a violência [...]” (DAVIS, 1998, p. 75). Em total concordância com Davis, a independência e o protagonismo da mulher negra são, na grande maioria das vezes, o gatilho para o começo das agressões.

Talvez, na época dos acontecimentos de tais fatos, o sistema opressor não permitiu que ela revelasse a total verdade. Mas, mesmo em meio a tantos conflitos, a cantora teve coragem de



romper com o ciclo da violência e deu fim ao seu relacionamento tóxico. A artista deu à luz a oito filhos e perdeu alguns deles para a morte. Após um período de luto, juntou seus caquinhos e superou as dificuldades, ressignificando sua carreira e encontrando forças na música. Tornou-se uma renomada artista negra que morreu aos noventa e dois anos de idade, deixando um legado de resiliência para tantas mulheres negras que passam pelas violências sociais impostas a nós, mulheres de pele preta de origem periférica. Sem dúvida, sua maior arma contra o sistema foi a música!

Continuando a pensar sobre a temática, trago para esse momento a vida e a obra de Whitney Elizabeth Houston³. Aos 11 anos de idade, Whitney começou a cantar no coral gospel de uma igreja batista em Newark e mais tarde acompanharia sua mãe em alguns concertos. Mesmo sendo evangélica batista, Whitney se formou no colegial em uma escola católica. Iniciou-se em sua carreira artística em 1977, trabalhando como backing vocal em shows de sua mãe, onde nesta época já compunha suas primeiras canções e as cantava esporadicamente em bares e boates da região quando não havia agenda marcada para os shows de sua mãe. Depois de fazer uma participação no álbum de sua mãe, *Think It Over*, em 1978, Whitney ficou mais conhecida no meio artístico e começou a atuar como backing vocal para muitos cantores famosos. Tempos depois, foi descoberta em uma boate cantando em um de seus shows. Anos depois, ela explode na carreira e torna-se a melhor cantora de todos os tempos. Seus poderosos vocais, que alcançavam extensões muito altas, principalmente nos melismas e vibratos, aliados às tessituras suaves, e seu extremo talento artístico na composição de letras e melodias, fizeram-na ser conhecida como A Voz e Rainha da Balada. Ela foi uma das artistas mais premiadas de todos os tempos. O apelo cruzado de Houston nas paradas musicais populares e suas performances influenciaram a quebra de barreiras de gênero e raciais, bem como a cultura popular. Conhecida por sua entrega vocal e timbre distinto, Houston foi classificada em segundo lugar pela *Rolling Stone* em sua lista das maiores cantoras de todos os tempos. Com seu sucesso estrondoso, virou atriz ao protagonizar o filme *o Guarda-Costas*, junto com o renomado ator Kevin Costner.

Anos mais tarde, ela casou-se com o cantor Bob Brown e, no ano seguinte, deu à luz a sua única filha. Tempos depois, a cantora reconheceu à imprensa que sofria de depressão desde a adolescência e por isso consumia desde essa época cocaína, maconha e outros tipos de drogas, além de bebidas alcoólicas em excesso. Dessa época em diante, sua carreira caiu em declínio... Segundo minhas pesquisas, o relacionamento intensificou o uso de drogas de Whitney, uma vez que ela era sumariamente traída e agredida e utilizava os entorpecentes quando estava triste. O

³ Whitney Houston- Vida e obra da artista. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Whitney_Houston. Acesso em 18 de abr.2025.



casal também era conhecido por usar drogas juntos. O motorista da família revelou que os dois usavam crack e heroína na frente da filha. Novamente, faço uma pausa para pensar sobre os dramas vivenciados pela cantora. Viver em um relacionamento conturbado com um homem que certamente não sabia lidar com suas próprias emoções ao ser casado com uma mulher negra, reconhecida como estrela no mundo da música, com visibilidade e fama internacional em uma sociedade machista, sexista e racista, deve ter pesado e muito em suas ações. Para refletir sobre esses atravessamentos sociais, convoco Sueli Carneiro que afirma:

[...] a conjugação do racismo com o sexismo produz sobre as mulheres negras uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida, que se manifestam em sequelas emocionais com danos à saúde mental e rebaixamento de autoestima. (CARNEIRO, 2011, p.128).

Em consonância com a autora, a asfixia social da mulher negra é notada em qualquer esfera da sociedade e, pelo que vi, li e refleti até aqui, é sempre em números muito mais elevados do que é revelado.

Após quatorze anos de um casamento cheio de polêmicas, Houston decidiu dar um fim a tanto sofrimento e entrou com o pedido de divórcio, saindo de casa com a filha e conseguindo sua guarda na justiça. Apesar de estar abalada, apareceu para a mídia muito feliz e sorridente, dizendo estar recuperada. A artista “aparentava” ter superado as dificuldades e conseguiu voltar aos holofotes por um bom tempo. À época de seu falecimento, sua depressão havia voltado com força. Naquele período, estava em tratamento psiquiátrico, tomando antidepressivos e ansiolíticos. Um dos motivos para recaída nos vícios e agravamento de sua depressão foram ocasionados por brigas familiares, perseguição e ameaças de seu ex-marido, além de seus relacionamentos amorosos que não deram mais certo após seu divórcio, foi ter descoberto que sua única filha estava usando drogas, onde ambas passaram a travar brigas diárias, e ela lutou para que a filha deixasse este caminho, tentando interná-la por diversas vezes. Isto tudo fez a artista se afastar da igreja, do tratamento psiquiátrico e psicológico, parou de falar com os amigos e com os familiares, julgando-se uma péssima mãe, o que a fez se isolar socialmente e voltar a usar drogas de forma descontrolada.

Em 11 de fevereiro de 2012, Whitney foi encontrada morta na banheira do quarto de um hotel em Beverly Hills. Os paramédicos tentaram reanimá-la, mas sem sucesso. A causa oficial da morte da artista fora afogamento acidental, apesar de revelar que existiam indícios de doença cardíaca e vestígios de cocaína, que teriam contribuído para o óbito. Três anos mais tarde, sua filha morreu da mesma forma, também em decorrência do abuso de drogas e álcool. O amor pela arte não foi o suficiente para curar as feridas abertas pela condição e pressão social do universo “glamuroso” da música. Ela teve coragem de denunciar as agressões, mas não encontrou remédio para curar suas feridas deixadas na alma. Aqui, lembro-me de uma passagem



escrita por Conceição Evaristo: “Sabia, apenas, que de uma hora para outra, era como se um buraco abrisse em si própria, formando uma grande fenda dentro dela, um vácuo, com o qual ela se confundia” (EVARISTO, 2017, p. 24). Em minhas ponderações, acredito que foi exatamente assim que ela se sentia, tais as palavras expressadas pela autora. Era nesse vácuo, em que se sentia perdida...

A terceira artista que escolhi para dissertar sobre foi Robyn Rihanna Fenty, mais conhecida como Rihanna⁴. Uma jovem cantora negra, compositora, atriz, empresária e estilista. Além de seu trabalho musical, Rihanna é reconhecida por seu envolvimento em causas sociais, empreendedorismo e influência na indústria da moda. Também de origem humilde, foi criada residindo em uma quitinete de três quartos em Bridgetown e vendeu roupas com o pai em uma barraca na rua para ajudar nas despesas de casa. Sua infância foi profundamente afetada pelo alcoolismo e uso de drogas ilícitas por parte de seu pai, o que contribuiu para o casamento tenso entre ele e sua mãe. O pai de Rihanna costumava abusar fisicamente de sua mãe, e ela tentava intervir entre eles para apartar as brigas. Ainda durante a adolescência, foi descoberta por um executivo da música e viu sua vida mudar. Com sucesso e fama, a artista ganhou visibilidade e fama mundial. A capacidade de Rihanna em reinventar sua música, estilo e imagem foi notada pela mídia. Em 2009, a revista New York descreveu os primeiros estilos adotados pela cantora como os de uma "rainha adolescente", tendo em mente que ela tem a capacidade de mudar sua aparência de maneira drástica e com grande facilidade.

Rihanna foi uma das três mulheres negras que "radicalizaram a música pop" e que, com sua música, deu voz a uma das comunidades que mais fortemente lutaram por mudanças reais. Em 2016, a cantora foi reconhecida como uma das maiores artistas de todos os tempos, e foi adicionada à lista de "Os Imortais... Porém, toda sua popularidade internacional não conseguiu blindá-la da violência doméstica. Em 2009, Rihanna foi vítima de violência doméstica por parte do então namorado, Chris Brown. A agressão, que incluiu socos, pontapés e mordidas, resultou em processo e consequente condenação de Brown a cinco anos de liberdade condicional, além de trabalho comunitário e um programa sobre violência doméstica. Durante minhas pesquisas, achei o Trabalho de Conclusão de Curso de Marta Farinha Candiota Karrer Rodrigues, intitulado: Jornalismo de celebridades e violência doméstica: Análise do discurso sobre o caso Rihanna e Chris Brown. O trabalho, da área de comunicação, escrito no ano de 2017, teve como objetivo entender como o jornalismo de celebridades aborda a violência doméstica. O caso ganhou grande relevância midiática não só pela fama dos artistas envolvidos, mas também pelo vazamento de uma foto da polícia que ilustrou a brutalidade da ocorrência e pelo fato de a cantora ter voltado com Chris algumas semanas depois do episódio. A partir das estatísticas que

⁴ Rihanna: Vida e obra da cantora: Disponível em : <https://pt.wikipedia.org/wiki/Rihanna>. Acesso em 20 de abr. 2025.



comprovam que as mulheres negras são as maiores vítimas da violência de gênero em suas diversas formas, busca-se compreender como o jornalismo interpreta um episódio de violência doméstica quando ambos os envolvidos são pessoas públicas.

O supracitado trabalho traz uma entrevista da cantora a um famoso jornal da localidade. Durante a conversa, a artista, por várias vezes, tenta explicar por que as agressões aconteceram, por que ela se deixou levar pela situação, e por que ela voltou, mesmo que por pouco tempo, com seu agressor. Em seu trabalho, Marta Rodrigues aborda a maneira desrespeitosa que jornalistas tentam distorcer os fatos com o intuito de vender a notícia sem se importar com os infinitos problemas sociais que estão incutidos, como o caso da violência doméstica. Para ela:

Nós estamos sujeitas à violência em todas as suas formas dentro de uma sociedade patriarcal, que pode surgir em qualquer âmbito – seja no doméstico, profissional ou institucional. O racismo violento (e ao mesmo tempo velado) da sociedade brasileira reforça ainda mais esse quadro, se entrelaçando às opressões de gênero e afastando ainda mais as mulheres negras das posições de poder. Ainda, é necessário olharmos para a reação do jornalismo diante de momentos emblemáticos que ilustram a gravidade dessas violências (RODRIGUES, Marta, 2017, p. 9)

Em absoluta concordância com a escritora, é urgente termos profissionais mais humanos e empáticos com a causa. Mais urgente ainda é a inclusão do marcador de raça neste debate, que muitas vezes é esquecido nas temáticas do feminismo. Ao ler a entrevista de Rihanna, é notória sua fragilidade pós-agressões. Ao voltar com seu agressor, por amor ou dependência, ela rapidamente volta atrás de sua decisão ao lembrar de seu compromisso social com seus fãs, enquanto influenciadora de jovens meninas negras, que poderiam passar pela mesma situação. Segundo ela: Rihanna: [...]. *Foi confuso pra mim. Eu ainda estava apegada pelo amor, mas não estava pensando na realidade da situação. Eu construí esse império e o homem que eu amo me bateu e por que eu escolhi voltar, eu vou perder isso? Não. E mesmo assim, você vê, você começa a mentir pra si mesma de novo, e eu só pensei: "Não, isso é egoísta, eu não posso pensar assim. Isso é egoísta. E se realmente for pra eu ajudar ele?" Mas quando eu me dei conta de que [pausa] a minha decisão egoísta por amor [pausa] podia resultar [pausa] em, em alguma menina sendo assassinada, [embargando a voz], eu não podia, [pausa], eu não podia ficar tranquila com essa [pausa] parte. Eu não podia ser responsável por dizer pra elas voltarem. Mesmo se o Chris nunca me batesse de novo, quem pode dizer que os namorados delas não vão? Quem pode dizer que eles não vão [pausa] matar essas meninas? E essas são, essas são meninas novas, e eu não...eu simplesmente não me dei conta do tamanho do impacto que eu tive na vida dessas meninas até que aquilo aconteceu. Foi um alerta pra mim [pausa], dos grandes. (Trecho da entrevista de Rihanna a emissora ABC⁵, em 08 de fevereiro de 2009).*

⁵ Emissora ABC- Fonte: ABC. Disponível em: <https://abc.com/> Acesso em 19 de mar.2025



Trouxe este trecho da entrevista da cantora por achar importante enfatizar que ela não se calou. E, enquanto mulher negra de notoriedade internacional, ciente de sua influência com jovens mulheres da mesma etnia, tenha se preocupado com a repercussão de suas ações, as quais com certeza influenciariam na decisão de muitas outras mulheres que estivessem passando pela mesma situação. Seu posicionamento foi de extrema relevância para que o acontecimento fosse visto pelos telespectadores e fãs, não como um fato isolado, mas sim como um fenômeno social que é fruto do machismo estrutural. Temática que precisa ser discutida em todas as esferas da sociedade, como forma de entendimento de que a violência doméstica, a interseccionalidade e o racismo estrutural contribuem para o quadro da violência contra a mulher em todas as suas formas e camadas sociais.

Hoje, mais uma vez, Rihanna ressignificou a sua vida e continua sendo a pop star do momento. Atualmente, têm dois filhos frutos de seu atual relacionamento com um famoso rapper. Ela entendeu seu lugar de fala (RIBEIRO, 2017) ao expor publicamente o ocorrido e, enquanto influenciadora de seus pares, não sucumbiu a um sistema violento, que tenta nos paralisar e nos silenciar em todas as classes sociais.

Conclusão

Escolhi escrever este trabalho trazendo estas três mulheres negras, cantoras, famosas de visibilidade internacional, para chamar atenção sobre o problema social chamado: Violência Doméstica, um fenômeno que, diga-se de passagem, existe desde o colonialismo, quando as sinhazinhas e as escravas já apanhavam de seus maridos e “donos” ao desrespeitarem as “vontades” do sinhozinho. As personagens que escolhi possuem muitas coisas, além da cor da pele incomum. A origem periférica, a infância pobre, a estrutura familiar abalada e, por consequência, a violência doméstica fazem parte do “combo” de compatibilidade das referidas artistas. Para além disso, essas carregavam e carregam em seu DNA a voz, habilidade que as fez ganhar o status de celebridade. As celebridades desempenham um papel fundamental na tentativa de provar que “as conquistas femininas deram certo”, representando “a mulher que chegou ao topo” (LANA, 2012, p. 182). E ao chegarem ao topo, de fato, assumem uma posição privilegiada na sociedade.

Essas artistas desfrutam de uma posição de destaque por terem plataformas onde podem se expressar com a garantia de que o público geral prestará atenção. E, é nesse lugar de atenção do público que essas denúncias de violência doméstica precisam ser feitas. Assim como na música Maria da Vila Matilde, onde a mulher agredida promete expor as agressões, nós, que



trabalhamos com a música, temos que usar o microfone e a nossa arte como arma de ataque a todas as formas de violência. Sendo assim, o campo da música se tornou um espaço e uma ferramenta para mulheres negras expressarem suas lutas de forma acessível a um público amplo. Tem-se assim uma perspectiva da música como uma arma de luta feminista negra e antirracista. E as cantoras que trouxe, respeitando os conhecimentos e seus alcances para cada década em que estavam inseridas, fizeram isso com maestria. Que sigamos não nos calando!

REFERENCIAS

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

DAVIS, Angela. **Blues Legacies and Black Feminism**: Gertrude “Ma” Rainey, Bessie Smith and Billie Holiday. New York: Random House, 1998.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

GONZALES, Lélia. **Por um Feminismo Afro-latino americano**. In: Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino, n. 1, 1988. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod_resource/content/1/Por%20um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf> Acesso em dezembro de 2018.

LANA, Ligia. **Jornalismo de celebridade, interesse humano e representações femininas na contemporaneidade**. 2012. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

LUCKOW, Fabiane: **Chanteuses e Cabarés**: performance, gênero e identidade na Porto Alegre no início do século XX. Dissertação (Mestrado). Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

NASCIMENTO, Gabriela. **Música, canto e lágrimas**: um estudo entre musicistas negras vítimas de violência doméstica vivendo em uma ocupação em Porto Alegre. IX Encontro da Associação Brasileira de Etnomusicologia. Anais. Campinas/SP, 2019.

NASCIMENTO, Gabriela Rodrigues. **Música entre lágrimas**: um estudo etnomusicológico sobre musicistas vítimas de violência doméstica. 119f. 2020. Dissertação (Mestrado). Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RODRIGUES, Marta. **Jornalismo de celebridade e violência doméstica**: análise do discurso sobre o caso Rihanna e Cris Brown. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.



WERNECK, J. **O Samba Segundo as Ialodês**: mulheres negras e a cultura midiática. Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro 2007.